

## **Políticas Públicas e Museus: uma Análise de Alguns Espaços Paranaenses<sup>1</sup>**

Milena Santos Mayer<sup>2</sup>

Resumo: O seguinte texto apresenta uma análise a respeito de políticas públicas no Brasil a partir das visitas técnicas realizadas pelos acadêmicos do 4º ano do curso de Bacharelado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa a 16 espaços museais do estado do Paraná, localizados, em sua maioria, na região dos Campos Gerais. Em um primeiro momento, após a introdução, por uma questão de organização, bem como da possibilidade de se estabelecer diferenças ou semelhanças entre as instituições, o texto apresenta uma divisão descrevendo e discutindo os espaços mantidos pelo poder público, e em um segundo momento apresenta os espaços privados. As primeiras instituições encontram-se em Curitiba, capital do estado, são elas o Museu Paranaense e o Museu Oscar Niemeyer. Em Ponta Grossa destacamos o Museu Campos Gerais; em seguida o Museu Histórico e Geográfico de Palmeira Dr. Astrogildo de Freitas, já no município de Castro apresentamos o Museu do Tropeiro e o Museu Casa da Sinhara, e finalizando os espaços públicos seguem 5 instituições localizadas na cidade da Lapa, são elas: o Theatro São João, o Museu Histórico, a Casa da Memória, a Casa Lacerda e o Museu das Armas. Em um segundo momento apresentamos os espaços mantidos por instituições particulares são eles: o Memorial da Imigração Holandesa “De Immigrant” e o Museu Casa do Imigrante, localizados na colônia Castrolanda, distrito de Castro; o Museu de Witmarsum da colônia Witmarsum distrito de Palmeira e o Parque Histórico de Carambeí situado no município de Carambeí. O texto expõe e analisa características estruturais destas instituições citadas, como as condições do prédio, o acondicionamento e a exposição do acervo, a questão do corpo de funcionários, os projetos desenvolvidos, entre outros aspectos. A partir dos pontos levantados sobre cada um dos lugares visitados, faz-se um diálogo com as ideias da nova museologia, bem como com a proposta de implantação de políticas públicas apresentada no documento da Política Nacional de Museus do ano de 2003. Podemos observar que no Brasil a teoria ainda está distante da prática. No Paraná, mais especificamente nos municípios citados, muitos profissionais buscam atualizar seus conhecimentos para melhorar a condição dos espaços museais e corresponder a sua função diante da sociedade, entretanto a falta de incentivo por parte do poder público dificulta a realização de um trabalho realmente satisfatório. Essa questão nos parece um círculo vicioso, afinal o governo alega que o museu não atrai público, logo não faz investimentos, o que acarreta a falta de profissionais qualificados, e conseqüentemente fomentam as más condições no atendimento e na conservação das instituições, que acabam por não atrair público. É a partir destas reflexões que reiteramos a importância de se pensar em políticas públicas relacionadas à cultura, e neste caso específico aos museus e aos espaços de memória.

Palavras-chave: museus - Paraná - políticas públicas

## Introdução

Segundo os últimos levantamentos da Coordenação do Sistema Estadual de Museus - COSEM existem no Paraná 329 espaços museológicos distribuídos em 111 municípios, sendo 164 denominados de museu propriamente dito e 165 espaços considerados museais. É relevante destacar que apenas em Curitiba, capital do estado, estão em funcionamento 98 instituições.<sup>3</sup>

A atual definição de museu segundo o Instituto Brasileiro

de Museus – IBRAM expõe que “os museus são casas que guardam e apresentam sonhos, sentimentos, pensamentos e intuições que ganham corpo através de imagens, cores, sons e formas. Os museus são pontes, portas e janelas que ligam e desligam mundos, tempos, culturas e pessoas diferentes. Os museus são conceitos e práticas em metamorfose”.<sup>4</sup> Podemos estender essa definição para além do museu propriamente dito, e fazermos referência a todos os espaços museais ou que buscam resguardar a memória. Contudo, esta definição nos parece poética tanto na forma quanto no conteúdo. Pois para grande parte da população brasileira, o museu é estático e velho, possuindo a função de guardar “coisas” que não tem mais utilidade, ou contar a história dos grandes heróis nacionais.

Embora os profissionais da área, como os museólogos, arquivistas e historiadores estejam buscando a atualização do seu trabalho através de pesquisas, encontros e publicações, sendo que o Brasil hoje pode ser equiparado ao nível teórico dos países da Europa e dos Estados Unidos, observamos que a prática não acompanha o avanço teórico. Aspecto esse que pode ser notado em grandes museus, como demonstra o trabalho de Myrian Sapúlveda dos Santos, que trás considerações a respeito do Museu Nacional, Museu Paulista e Museu da República, quanto nos museus do interior do Paraná e da capital.

Faz-se necessário relatar pontualmente alguns aspectos em relação aos espaços visitados para que se tenha dimensão da realidade sobre a qual nos propomos a discutir. Daremos início com as instituições administradas pelo poder público, já que no Brasil são a grande maioria, iremos expor, como dito anteriormente alguns aspectos julgados como relevantes destes espaços.

## Os espaços públicos

O *Museu Paranaense - MP* é dividido em 4 departamentos: Arqueologia, Antropologia, História e Geografia; sendo que cada departamento possui um responsável especializado na sua devida área. Além do setor educativo, do laboratório de conservação e restauro e da biblioteca. Contabilizando aproximadamente 20 funcionários, sem contar os profissionais voluntários e estagiários.

Em relação a estrutura do prédio, a atual sede, o Palácio São Francisco está em ótimo estado de conservação bem como os anexos que foram construídos posteriormente. Diferente das outras visitas realizadas, não existem muitos problemas para serem relatados, o que demonstra a importância de se ter profissionais qualificados nesses espaços, visto que, nesse caso, as exposições encontram-se de maneira adequada desde o processo de pesquisa até o de visualização.<sup>5</sup>

As boas condições do MP, estão diretamente relacionadas a posição que ele ocupa no estado, mesmo sendo uma instituição pública, como a maioria das instituições visitadas, a situação é um pouco diferente destas, pois ela acaba por receber mais atenção do poder público. Primeiro porque está localizado na capital do estado, ou seja, próxima dos olhares do governo e de outros olhares: o museu tem maior visibilidade; o segundo ponto, como dito

anteriormente, está relacionado à posição que ele ocupa, afinal é o museu que representa o Paraná.

Portanto, é interessante ressaltar nesse caso, não tanto as questões físicas, pois estas como podemos perceber não trazem grandes problemas, afinal há climatização, controle de temperatura e umidade, uma certa segurança, o acervo encontra-se devidamente catalogado e bem acondicionado. Com todas essas questões estruturais encaminhadas, o museu pode se dedicar a outras atividades, como projetos e ações educativas.

Além da monitoria oferecida aos visitantes, com agendamento prévio, o departamento educativo realiza uma oficina com o intuito de propor um aprendizado crítico e construtivo a partir do próprio acervo e promove também um encontro para docentes da rede pública e privada de ensino, que oferece aos professores elementos para que possam passar novas informações aos seus alunos.

Mesmo com tantos “progressos” em relação aos outros espaços museais, a situação ainda não é a ideal, sabemos que faltam políticas públicas relacionadas a museus e aspectos culturais em geral, entretanto o Museu Paranaense pode servir de exemplo de como estas instituições podem realmente cumprir a sua função social quando tratadas com profissionalismo.

Outro exemplo, ainda em Curitiba, é o *Museu Oscar Niemeyer - MON*. Diferente também de todos os espaços visitados, que em sua maioria se constituíam como Museus Históricos, o MON é essencialmente um Museu de Artes, sendo assim possui suas especificidades tanto em relação à estrutura, quanto as exposições e ao público. É também o maior espaço visitado, tanto em estrutura física como em corpo de funcionários.

Composto por aproximadamente 2 mil peças, o acervo guarda obras dos paranaenses Alfredo Andersen, Theodoro De Bona, Miguel Bakun, Guido Viaro e Helena Wong, além de Tarsila do Amaral, Cândido Portinari, Oscar Niemeyer, Ianelli e Caribé, entre outros. Recebendo também outras coleções para exposições temporárias.<sup>6</sup>

É possível perceber que esta é uma instituição que segue todas as normas e padrões recomendados, justamente por possuir profissionais qualificados e investimentos do poder público e privado, através de projetos e patrocínios. Assim como no relato anterior, o destaque será para as ações do museu para a sociedade, as informações foram obtidas no site da instituição<sup>7</sup> que apresenta todos os subsídios para os interessados conhecerem o que o MON oferece, assim como o contato de todos os setores do mesmo.

As ações educativas estão divididas em: monitorias, visitas guiadas, oficinas de criação e atendimento especializado. A equipe de monitores é formada por universitários, estudantes dos cursos de Artes, Turismo, História e Designer, e são eles os responsáveis pelo atendimento ao público. As oficinas são ligadas ao conteúdo das exposições e o principal objetivo é que o visitante se expresse a partir do que viu e apreendeu se aproximando da arte e do artista em questão. O atendimento especializado é um trabalho diferenciado proporcionado para estudantes de nível superior, professores e profissionais interessados, quando em desenvolvimento de trabalhos e projetos.

Os investimentos para as áreas culturais são escassos, mas tanto o Museu Paranaense quanto o MON, são exemplos do retorno social que essas instituições podem oferecer para a sociedade, caso lhes forem dadas condições para tal. E para começar, um dos pontos que pode ser visto como um diferencial entre um museu estático e vazio e um museu dinâmico e concorrido, é a questão do corpo de funcionários. O museu precisa ter profissionais especializados e pessoas trabalhando conscientemente para o desenvolvimento da instituição em busca de uma participação ativa no que diz respeito à cultura e a educação para a sociedade, no espaço em que essa instituição se insere.

Como dito anteriormente, estes dois exemplos possuem uma realidade bem diferente de outros espaços, localizados no interior do estado que sofrem com problemas estruturais

básicos. Em Ponta Grossa, o *Museu Campos Gerais – MCG* é administrado pela Universidade Estadual de Ponta Grossa e está instalado no prédio do antigo Banco do Estado do Paraná, o Banestado, desde 2003, quando o acervo foi retirado do prédio original para a realização de uma restauração, que ainda não teve início. O antigo prédio abrigou o fórum da cidade por volta de 1928 até 1982, e a partir de 1983 recebeu em suas instalações o MCG.

Além do acervo de objetos tridimensionais em exposição ou acondicionados na reserva técnica, o museu conta com um setor de pesquisa bastante diversificado, com acervo de periódicos, livros, documentos e iconografias. Hoje, possui um funcionário responsável pela vigilância, um para serviços gerais, três pelo setor de pesquisas, dois diretores e um assistente de direção, além dos três estagiários graduandos dos cursos de História, Turismo e Biologia. Os funcionários encarregados pelo setor de pesquisa não possuem conhecimento técnico e foram realocados da posição de serviços gerais para assumir tal função.

As atuais instalações do MCG, não são consideradas ideais afinal estamos falando de um prédio construído para ser um banco, e a documentação é acondicionada de acordo com as condições existentes. O prédio sofre com problemas de goteiras e umidade, porém as lâmpadas são fluorescentes e os documentos não recebem radiação solar.

Quanto aos pesquisadores observamos um público heterogêneo com os mais diferentes objetivos, entretanto podemos destacar a pesquisa com fins acadêmicos. Os mesmos contam com inventários sumários desatualizados, como instrumentos de pesquisa e também com a memória dos funcionários, pois o setor ainda não possui um banco de dados, entretanto a instituição está trabalhando para implantá-lo, assim como atualizando seus inventários. O museu oferece também visitas monitoradas, previamente agendadas.

Atualmente existem projetos de modernização das instalações, através da aquisição de novos equipamentos, além do projeto de restauração do prédio original que contará com condições ideais para o setor de pesquisas e acessibilidade aos seus visitantes e pesquisadores (o que não ocorre no prédio atual). Entretanto é de fundamental importância o interesse do poder público, o que faz com que o projeto não tenha saído do papel há alguns anos e ainda não possua prazos.

Na cidade de Palmeira, o *Museu Histórico e Geográfico de Palmeira Dr. Astrogildo de Freitas* encontra-se instalado em uma casa tombada pelo Patrimônio Histórico e Artístico Cultural do Estado do Paraná construída aproximadamente em 1850. No ano de 1965 o imóvel foi doado para o Instituto Histórico Geográfico de Palmeira. Em 1970 a prefeitura realizou uma reforma no prédio a qual levou a uma descaracterização da estrutura interna, ocupando o espaço em 1971 como 1º Jardim de Infância da cidade.

O museu inicia suas atividades no local no ano 1977, e começa a compor seu acervo com doações da comunidade. Segundo atual diretora, Vera Mayer, em 2005 quando assumiu foi necessário uma grande seleção dos objetos (2 caminhões e 4 carroças para o descarte desses objetos), o que demonstra que o Museu não foi pensado ou planejado, não foram estabelecidos objetivos e nem seus interesses, aceitava-se tudo que era “velho”.

Atualmente quem mantém a instituição é a prefeitura, possuindo apenas uma funcionária: a diretora, o que acaba comprometendo o andamento do Museu, o qual ainda não possui uma catalogação do acervo e nem se quer um livro tomo ou de registro.

A instituição possui também um acervo bibliográfico e um acervo documental o qual está acondicionado em pastas com plásticos separados por assunto, nestas pastas encontram-se fotografias, recortes de jornais, entre outros. Lembrando que não existe uma catalogação ou listagem desse material. O museu possui também um dossiê das atividades da instituição com os materiais produzidos a partir das exposições e um clipping.

A reserva técnica fica no porão do prédio, é um lugar fechado e úmido, lugar esse onde o zelador da praça também guarda seus instrumentos de trabalho. O público, em sua maioria, são crianças estudantes de escolas municipais. O número varia entre 300 a 400

pessoas por mês. Há uma grande procura também por parte de pesquisadores a respeito da Colônia Cecília.

A diretora possui curso técnico na área da Museologia e está atualmente cursando Licenciatura em História. Este caso é um exemplo para a argumentação de Santos sobre a diferença entre a teoria e a prática. Há interesse e busca por conhecimento por parte dos profissionais da área, no entanto como é possível colocá-lo em prática nas condições existentes, neste caso com apenas uma pessoa responsável por todas as funções da instituição?

As próximas instituições estão localizadas em cidades com grande referência em relação a preservação da memória e da história do Paraná, pois além de um número considerável de espaços museais, possuem muitos imóveis tombados e preservados, ambas se caracterizam como cidades com potencial turístico. São elas: Castro e Lapa.

Em Castro, o *Museu do Tropeiro*, inaugurado em 1977 com o objetivo de resgatar e preservar a memória do tropeirismo, atividade econômica do sul do país nos séculos XVIII e XIX, desenvolve suas atividades através de um acervo de mais de mil peças.

A casa na qual se encontra o museu é a mais antiga da cidade e pertenceu à família Carneiro Lobo. Atualmente é tombada pelo patrimônio histórico. A instituição é pública e mantida pela prefeitura de Castro. Hoje conta com 7 funcionários, entre eles estagiários, sem formação específica, a diretora por exemplo é advogada, e o monitor que nos acompanhou técnico agrícola.

O imóvel possui cupins e infiltrações que são controlados de acordo com as possibilidades. Uma medida que auxilia na preservação é a utilização de chinelo de pano pelos turistas, conservando o assoalho original. A respeito da exposição podemos destacar que a circulação se torna um pouco complicada e conseqüentemente a visibilidade, pois os espaços possuem muita informação (muitos objetos). O museu oferece a monitoria que também, na medida do possível, destacando a falta de formação específica, pode ser considerada satisfatória, lembrando que a visita foi técnica e o enfoque pode ser diferente em relação aos turistas em geral.

Existe um anexo aonde se encontra o espaço de documentação e pesquisa. O acervo é disponível para todos aqueles que se interessam, inclusive com empréstimos de livros. Atualmente o museu realiza um trabalho de transcrição dos processos criminais presentes no fórum, que ficam sob a guarda do museu durante o tempo necessário e depois retornam ao local de origem. Existe um projeto de criação de um arquivo municipal para melhor acondicionamento desse acervo e de outros documentos.

O pesquisador não tem acesso a inventários, normalmente ele procura o museu solicitando algum documento ou alguma informação e os funcionários se dedicam a procurar no seu próprio acervo ou nos arquivos de outras instituições da cidade, como igrejas, cartórios, prefeitura, câmara de vereadores, entre outros.

Um aspecto interessante é a Associação dos Amigos do Museu, formado por pessoas da comunidade que ajudam a manter a instituição, agilizando algumas questões de compras de material, por exemplo, que caso dependesse da prefeitura demoraria algum tempo devido à necessidade de licitações e outros trâmites burocráticos.

O público é diversificado, entretanto assim como a maioria das instituições museais recebe em sua maioria o público escolar. Inclusive podemos observar um álbum seriado, ilustrando a história do tropeirismo como forma de ação educativa para crianças.

A sede do *Museu Casa da Sinhara*, teve sua construção iniciada na primeira metade do século XIX, sendo tombado em 1982. O objetivo do ambiente é retratar a vida da mulher castrense no período do tropeirismo. A Casa possui objetos que não condizem com a época que se propõe, entretanto retrata de maneira interessante as casas do século XIX. A proposta do museu por si só já o torna interessante, pois raramente um museu, na sua concepção

tradicional, expõe ou se preocupa com a memória daqueles que foram subjugados no decorrer da história, como é o caso das mulheres.

O imóvel é a segunda casa mais antiga da cidade. Tombado pelo patrimônio histórico, possui hoje 80% de sua estrutura original. Assim como o Museu do Tropeiro, a Casa é mantida pela prefeitura municipal que inclusive paga um aluguel ao proprietário. A estrutura sofre com a proliferação de cupins e goteiras. Para a preservação do assoalho são utilizados chinelos de pano.

O acervo na sua maioria foi doado pela comunidade, mas também possui alguns empréstimos. A exposição de maneira geral foi organizada de modo adequado com a proposta, afinal a idéia é a reconstituição de uma residência. Entretanto, existe um espaço, que representa uma espécie de escritório, o qual foi pensando como homenagem a fundadora e idealizadora da Casa que possui objetos que não condizem com uma residência do século XIX, no entanto durante a monitoria a funcionária esclarece esse aspecto, o que acaba por não confundir o visitante. Os objetos não possuem legendas.

Em relação ao corpo de funcionários, o museu possui duas funcionárias e dois estagiários. Uma das funcionárias é contratada pela Associação de Amigos do Museu. O público varia em torno de 800 a 1200 pessoas ao mês, sendo essas em sua maioria estudantes.

Em relação ao município da Lapa, além dos espaços museais podemos destacar o sítio arqueológico, pois, a partir da preservação da cultura material encontrada no local é possível dar voz a memória dos negros que viveram na região, e que muitas vezes é silenciada na história do Paraná. Fato que realmente se torna peculiar, visto que toda a memória que recebe destaque na cidade é branca e militar enfatizando seus feitos heróicos durante a Revolução Federalista do final do século XIX.

O centro histórico da cidade é praticamente todo tombado pelo IPHAN “Compreende área de 24,41 ha e é formado por 235 lotes. 225 são ocupados com 258 edificações das quais 38 datam do século XIX, 76 da primeira metade do século XX e 136 da segunda metade deste século.”<sup>8</sup> É interessante notar que a fiação elétrica é toda subterrânea e aparentemente todas as construções estão em bom estado de conservação.

O *Theatro São João*, inaugurado em 1876 em arquitetura neoclássica, é mantido pela prefeitura através da Secretaria de Cultura do município. Possui 5 funcionários, que consistem em uma diretora com graduação em Artes Visuais, uma acadêmica do curso de Matemática, um iluminador, uma funcionária de serviços gerais e um estagiário cursando o ensino médio.

Aparentemente o prédio se encontra em bom estado de conservação, segundo a pessoa responsável pela monitoria, o *Theatro* já passou por mais de 10 restaurações. Visitando os outros locais, também tombados, podemos questionar o uso do termo restauração, visto que são feitos pequenos reparos sem muitos critérios técnicos. Segundo o endereço eletrônico da prefeitura a construção passou por três restaurações, uma em 1929, outra em 1950 e ainda uma em 1976, sendo tombada pelo Patrimônio Histórico do Paraná em 1969 e pelo Patrimônio Histórico Nacional em 1985.<sup>9</sup>

O prédio possui problemas com fungos, e a cada seis meses é feito tratamento para evitar a proliferação de cupins.

Como já citado acima, o *Theatro* possui acompanhamento durante a visitação através de monitoria, na qual é apresentando de maneira rápida e sucinta o histórico do local, bem como suas características arquitetônicas. Em relação ao público, é bastante diversificado e varia entre 1000 a 1500 pessoas por mês.

O *Museu Histórico* foi proposto e organizado pelo IPHAN, entretanto é mantido pela prefeitura. No que diz respeito ao prédio, podemos observar problemas com infiltrações e cupins, a funcionária relatou que é feito o tratamento contra a proliferação de cupins a cada 6 meses, assim como nas outras instituições, no entanto ressaltou que o produto não é de boa qualidade.

No que diz respeito as exposições, o museu se dedica basicamente a preservar a memória da Revolução Federalista, focando principalmente na figura do General Gomes Carneiro. Os objetos possuem legendas e as exposições dialogam entre si. Entretanto, há uma sala com um pequeno acervo de arqueologia, com materiais encontrados em sítios arqueológicos da cidade que divide o espaço com os objetos ligados a temática da Revolução. Quanto a conservação: a higienização não é feita de maneira adequada visto que não se tem mão-de-obra qualificada e disponível; todo o acervo está em exposição, ou seja, o museu não possui uma reserva técnica.

O museu conta com três funcionárias e um estagiário, uma delas é responsável pelos serviços gerais realizados quinzenalmente, o estagiário cursa o ensino médio, e a funcionária que nos recebeu, que ocupa o cargo de recepcionista, é Tecnóloga em Gestão Pública.

Em relação a ação educativa, pelo o que podemos observar, consiste na exibição de um vídeo de aproximadamente 12 minutos que apresenta a história da Revolução Federalista de maneira bastante tradicional, aos moldes da corrente positivista do século XIX, exaltando a imagem dos grandes heróis e dos grandes feitos. A recepcionista, que acompanha a visita, era funcionária de outra instituição da cidade, o Memorial Ney Braga que está fechada devido problemas com a “restauração”, e não possui muitas referências em relação ao Museu Histórico o que dificulta a monitoria.

Para auxiliar na segurança, o prédio possui apenas um sistema de alarme. Durante o período em que está aberto os visitantes tem livre acesso ao museu com bolsas ou outros objetos, visto que este não possui armários ou local para guardá-los.

A *Casa da Memória*, também conhecida como *Casa dos Cavalos Alados* ou *Casa dos Cavalinhos*, foi construída em 1888 e recebeu este nome por ter em sua fachada 10 cavalos com asas. Isso se deve ao fato de seu primeiro dono ter sonhado com cavalos alados e ganho o prêmio máximo da loteria imperial.

Assim como a instituição anterior, a casa foi organizada pelo IPHAN, mas é mantida pela prefeitura municipal. A Casa dos Cavalinhos atua como um centro de memória. Possui alguns poucos objetos como móveis e quadros, mas o acervo consiste em sua maioria em fotografias, livros e documentos da prefeitura e do fórum. O prédio está em bom estado de conservação, foi restaurado e grande parte da sua estrutura é original. Também passa por tratamento anti-cupins.

Possui três funcionários: uma zeladora, um estagiário cursando o Ensino Médio e uma professora. O estagiário é quem acompanha a visitação e presta a monitoria. Esta consiste em uma breve apresentação do histórico do imóvel, bem como da criação da instituição, seguido de uma exposição a respeito do acervo.

O problema que deve ser levantado nessa instituição é a conservação e preservação da documentação. Existem documentos originais do século XIX e início do XX expostos sem qualquer critério de proteção, alguns em molduras, aparentemente protegidos, mas que recebem diretamente iluminação tanto artificial quanto natural (radiação solar), outros em contato direto não só com a luz, mas também com o visitante e com a poeira.

A Casa possui uma reserva técnica, na qual se encontram os processos crimes e outros documentos oficiais, os visitantes não têm acesso a essa sala. Toda essa documentação está começando a ser listada e organizada cronologicamente. A pessoa responsável demonstra boa vontade, entretanto uma certa insegurança em relação aos procedimentos que vem executando para organizar e catalogar esse acervo, devido a falta de conhecimento específico. Em relação aos outros locais da cidade, esse é o menos visitado. O público gira em torno de 150 pessoas por mês.

A *Casa Lacerda*, outra instituição museal do município, abriga em seu interior objetos e móveis que demonstram o modo de vida de uma família do século XIX. Durante a Revolução Federalista de 1894, o prédio serviu como quartel da Segunda Brigada.

De todos os espaços visitados, a Casa Lacerda é aquela que mais se enquadra nos padrões determinados pelo IPHAN, e não poderia ser diferente, esta é a única instituição federal do município, sendo assim está sob responsabilidade do Instituto. No entanto, a prefeitura mantém um funcionário e as despesas com água e luz.

O prédio esta em boas condições de conservação sendo amplo e arejado. As exposições além de serem muito bonitas se encontram de maneira própria a visualização e circulação. A Casa ainda mantém espaços climatizados, com controle de umidade e temperatura. É a única instituição que possui um funcionário para a segurança e armários para os visitantes deixarem seus pertences.

No que diz respeito ao corpo de funcionários, também é o único local que conta com um profissional qualificado na área de História, o qual tem vínculo com o IPHAN, além de contar também com uma pedagoga que nos acompanhou durante a visita. A monitoria, não é muito diferente dos outros locais, há uma breve apresentação do histórico da Casa e logo em seguida a explanação sobre as exposições. Enaltecendo sempre a Revolução Federalista e a sua “fundamental importância” para a memória da cidade.

A casa possui problemas de infiltração que estão visíveis e também recebe o mesmo tratamento contra a proliferação de cupins, custeado pela prefeitura. Quanto a média de público, varia entre 700 e 800 pessoas por mês. Lembrando que o local possui acessibilidade, inclusive com banheiros adequados a cadeirantes.

O último espaço sobre o qual destacamos alguns aspectos é o *Museu das Armas* o qual está instalado no prédio que sediou a primeira casa de detenção da cidade, construído na metade do século XIX. Abrigou ainda o 13º Regimento de Cavalaria da Guarda Nacional e a Escola Normal Novo Ateneu, sofrendo inúmeras descaracterizações. Posteriormente, passou por um processo de restauração com o objetivo de resgatar a arquitetura original. Hoje o prédio é tombado pelo IPHAN.

É o espaço mais visitado da cidade. Como posto no parágrafo anterior, funcionou como cadeia municipal no andar térreo e Câmara Municipal no andar superior. Hoje a Câmara ainda funciona no mesmo local e o museu ocupa o espaço que era destinado a cadeia.

Após a restauração o prédio está em bom estado de conservação, mas possui apenas duas portas e um sino originais do século XIX. O acervo é todo particular, o proprietário é o Sr. Osires Stenghel Guimarães, e consiste basicamente em armamentos da Revolução Federalista e das duas Guerras Mundiais. Como se trata geralmente de um material que requer um certo tratamento específico, devido o processo de ferrugem e degradação e a falta de conhecimento específico para a higienização e conservação, muitos dos objetos estão danificados e há por parte da funcionária que nos recebeu dificuldade em relação aos procedimentos a serem realizados.

A instituição também é municipal e possui 2 funcionários sem formação específica na área, e uma funcionária de serviços gerais. A monitoria não difere dos outros locais. Não possui segurança, nem armários para os visitantes.

O que mais chama atenção nessa instituição é o número de visitantes, de acordo com a pessoa que nos acompanhou, os números chegam a mais de 2000 pessoas por mês. Ela relatou inclusive que no domingo anterior a nossa visita passaram pelo museu cerca de 500 pessoas só neste dia.<sup>10</sup> O que demonstra de forma direta o potencial turístico da cidade. E o que nos faz questionar a falta de investimento por parte do poder público, já que o turismo é indiscutivelmente uma boa fonte de renda para o desenvolvimento do município.

Vale a pena ressaltar que nos domingos, apenas uma das duas funcionárias está presentes no local, o que torna inviável o controle da segurança, da conservação dos objetos, bem como o trabalho de monitoria.

Este último caso exemplifica a importância de uma consciência em relação à políticas públicas voltadas para a cultura, principalmente em cidades do interior, visto que é perceptível

um maior investimento em grandes pólos ou capitais. Sabemos que a cidade da Lapa recebe muitos turistas e que é reconhecida pelo seu patrimônio histórico e cultural, o que não podemos entender é que mesmo assim, por onde passamos ouvimos que não há investimentos por parte do poder público.

### Os espaços particulares

Outra forma de espaços museais que existem no país, e que tem crescido de maneira significativa são as instituições particulares. No Paraná, devido a presença de imigrantes europeus, esses espaços possuem muitas características comuns. Independente do país de origem, os descendentes buscam através do museu preservar a memória e a cultura de seus antepassados, bem como proporcionar as futuras gerações o conhecimento sobre o processo de imigração e como foram os primeiros anos no Brasil.

Este é o caso das instituições de Castrolanda, distrito de Castro, do município de Carambeí, ambas de origem holandesa, e da Colônia Witmarsum, distrito de Palmeira, de origem alemã.

Em Castrolanda o *Memorial da Imigração Holandesa “De Immigrant”*, foi construído em 2001 e é considerado o maior moinho da América Latina. Além da própria estrutura do moinho, com suas hélices e todos os seus mecanismos, é possível encontrar um espaço museal, no qual os imigrantes e seus descendentes expõem a sua história e a sua identidade. O espaço foi pensado por eles e é administrado e mantido pelos mesmos através da Cooperativa Agropecuária Castrolanda. Possui apenas um funcionário fixo, que recebe os visitantes e presta monitoria, o qual faz parte da comunidade e não possui formação específica na área. Quanto a estrutura física, encontra-se em excelente estado, entretanto não possui acessibilidade, por se tratar de um moinho. Quanto a exposição, as questões de circulação e visibilidade são satisfatórias, assim como as legendas nos objetos e fotos. Um problema que deve ser apontado é a exposição de documentos originais, que recebem radiação solar. O público é bastante diversificado.

Outro espaço museal da colônia é o *Museu Casa do Imigrante*, inaugurado em 1991 e assim como o moinho é mantido pela comunidade. Conta com 4 funcionárias voluntárias que não possuem formação na área. A estrutura da casa está em bom estado, no entanto sendo de madeira é necessário cuidado especial com cupins.

O museu reconstituiu a casa de um imigrante e foi organizada pelos próprios, sem auxílio de um profissional. Entretanto, a ligação entre as exposições, a visibilidade e a circulação podem ser consideradas adequadas. O maior problema em relação a exposição é a ausência de legendas nos objetos.

Na colônia Witmarsum após a iniciativa particular de Sr<sup>a</sup> Melita Kliewer a antiga “casa grande” da Fazenda Cancela, se tornou um bem tombado pelo Conselho Estadual da Cultura em 15 de novembro de 1989 e se tornou um museu com acervo composto de móveis, objetos, fotos e equipamentos das colônias de Santa Catarina, da própria Colônia Witmarsum e da terra de seus antepassados, Rússia.

O espaço é mantido pela Associação de Moradores da Colônia. Idealizado e organizado pelas pessoas da própria comunidade, tendo por objetivo preservar e divulgar a história e a cultura local, intimamente ligada à imigração européia, a questões religiosas e ao trabalho desenvolvido por estes imigrantes e seus descendentes, reiterando que estas são características comuns aos museus étnicos do interior do Paraná.

O museu conta com apenas uma pessoa responsável, que além de diretor, é também quem recebe os visitantes realizando uma apresentação sobre o histórico da Colônia e uma monitoria durante a visitação. Não possuindo formação específica, organizou o museu de acordo com o seu bom senso.

Um dos problemas que pode ser apontando é a questão das legendas que, em muitos casos, foram coladas aos objetos, inclusive com fitas adesivas coloridas de forma bem visível. Além da estrutura do imóvel que necessita de restauro. Segundo o diretor, o museu tem sob sua guarda um grande número de documentos, como as primeiras atas da cooperativa, algumas fotografias, entre outros, os quais não tivemos oportunidade de ver, mas que segundo ele não estão bem acondicionados. O público é bastante heterogêneo, chegando ao número de 5000 visitantes/ano.

O que chama atenção é o interesse em aproveitar o espaço e preservar a memória de maneira efetiva. Durante a apresentação o senhor Heinz Philipsen chama atenção para algo que é peculiar à maioria das instituições museais do país, o museu é conhecido e fruído por turistas, as pessoas que moram no local e que supostamente estão representadas no museu não o conhecem ou não o freqüentam. Para mudar essa realidade há uma tentativa de aproximação do museu com a escola local, com a presença do diretor na instituição em algumas atividades e até a oportunidade de se levar os objetos do museu para o ambiente escolar.

Outra questão é o interesse em preservar o acervo e modernizar o museu, faltando “apenas” que algum profissional procure realizar um projeto, pois há interesse da comunidade e da cooperativa.

O último exemplo é o *Parque Histórico de Carambeí - PHC*, o qual foi idealizado a partir da Associação do Parque Histórico de Carambeí, constituída por membros da comunidade. Os espaços museais são apenas uma parte, talvez a principal, de um projeto que abrange vários aspectos, como a produção de publicações sobre a história da imigração holandesa no Brasil, e mais especificamente nos Campos Gerais, o envolvimento da comunidade, entre outros. Na atual configuração do Parque podemos dividi-lo em dois espaços: a Casa da Memória fundada em 2001 e a Vila Histórica inaugurada em 2011.

A Casa da Memória, assim como muitos outros museus do interior do estado, surge a partir dos anseios de um determinado grupo que coleta e reúne um acervo e o expõe da maneira que lhes parece adequado construindo uma identidade diretamente ligada a quem o idealizou. Com a execução do projeto e a expansão do Parque, no ano de 2010 foram “contratadas” profissionais, bacharéis em História, para a organização e catalogação do acervo.

As peças foram organizadas em coleções que já estavam postas desde 2001. No que diz respeito à exposição não foram feitas alterações, a não ser parte do acervo que foi transferida para a Vila, entretanto sem interferência da equipe especializada.

A proposta desses espaços museais é reconstituir os ambientes de acordo com a memória do imigrante holandês, essa reconstituição é feita de maneira satisfatória e o Parque como um todo é muito bonito. Contudo, segundo a direção da Associação e a coordenação do projeto, o principal objetivo é constituir o Parque como um local de apreensão de cultura e principalmente com um viés educativo, o qual é ou deveria ser o objetivo de todos os museus, agir de maneira transformadora no sujeito. E para tal, são necessárias ações educativas, o que hoje não ocorre neste espaço, há um acompanhamento esporádico as visitas, entretanto sem comprometimento didático.

O PHC é um exemplo do investimento público em projetos culturais, através da Lei de Incentivo a Cultura do governo federal. No entanto, sabemos que não é tarefa fácil conseguir este apoio, pois muitas vezes é necessário respaldo político e econômico. Reforçando assim a importância das políticas públicas de incentivo a cultura que deveriam ser iniciadas no poder municipal.

## **Museu e sociedade**

A partir das ideias propostas pela nova museologia, a sociedade pode começar a perceber o que o museu deve significar dentro de uma certa localidade e qual é o lugar que ele ocupa nesta última:

“identificar e reconhecer esse lugar de notável relevo dos museus em diferentes temporalidades e localidades implica o reconhecimento de que eles são, ao mesmo tempo, casas de memória, lugares de representação social e espaços de mediação cultural. Como casas de memória eles podem ser acionados visando o desenvolvimento de ações de preservação e de criação cultural e científica; como lugares de representação eles podem ser utilizados para teatralizar o universal, o nacional, o regional, o local, o étnico e o individual e como espaços de mediação ou de comunicação eles podem disponibilizar narrativas menos ou mais grandiosas, menos ou mais inclusivas para públicos menos ou mais ampliados.(CHAGAS,NASCIMENTO JUNIOR, 2006, p.13)

Pode-se observar que os museus estão, de maneira geral, em busca de uma ressignificação na contemporaneidade a fim de não serem mais vistos como locais apenas de guarda de objetos antigos. Cada vez mais o museu aparece como pauta importante nas discussões de políticas culturais. Um exemplo dessas novas ressignificações são os ecomuseus ou museus comunitários, que auxiliam na inclusão social das populações envolvidas.

Segundo José Nascimento Junior e Mario Chagas, para colocar em prática políticas públicas relacionadas aos museus, o Brasil precisa enfrentar sete desafios, são estes:

- 1.Trabalhar com o direito à memória como um direito de cidadania;
2. Desenvolver modelos de gestão que estimulem redes e sistemas de museus;
3. Democratizar o acesso aos, e a produção de, bens culturais musealizados;
4. Desenvolver e estimular a criação de programas de educação em museus e de formação e capacitação de pessoal;
5. Criar dispositivos de valorização do patrimônio cultural musealizado e do patrimônio cultural passível de musealização, seja ele tangível ou intangível;
6. Apoiar e implementar projetos ancorados no respeito à diferença e na valorização da memória de comunidades populares e, por último na ordem, mas não na importância,
7. Institucionalizar procedimentos democráticos de investimentos no campo dos museus.(2006,p.15)

No ano de 2003 foi lançada a Política Nacional de Museus, a qual gerou um documento que já na sua introdução prevê a implantação de políticas públicas e destaca a sua importância o contexto cultural do país: “ numa sociedade complexa como a brasileira, rica em manifestações culturais diversificadas, o papel dos museus, no âmbito de políticas públicas de caráter mais amplo, é de fundamental importância para a valorização do patrimônio cultural como dispositivo estratégico de aprimoramento dos processos democráticos”. (2003,p.8)

Se nos voltarmos a história dos museus no Brasil, veremos que no início, final do século XIX, não havia interesse em atingir o grande público e talvez por isso até os dias de hoje o museu esteja restrito a um público seletivo e que está diretamente ligado as condições socioeconômicas da população, visto que segundo Santos, as regiões sul e sudeste do país são as que possuem um maior número de museus, devido a posição que ocupam em relação ao PIB, possuindo também a menor taxa de analfabetismo e um maior índice de urbanização.

Entretanto, as questões observadas e relatadas a respeito dos museus paranaenses, nos permite analisar que mesmo em condições mais favoráveis que em outras regiões do país, ainda há por parte das instituições uma certa dificuldade em atrair público. Essa questão nos parece um círculo vicioso, afinal o governo alega que o museu não atrai público, logo não faz investimentos, o que acarreta a falta de profissionais qualificados, e conseqüentemente fomentam as más condições no atendimento e na conservação das instituições, que acabam por não atrair público...

Essas são questões que ainda precisam ser mais analisadas e discutidas para que se possa mudar a realidade dos museus no Paraná e no Brasil. Entretanto, não podemos esquecer

que isto é processual, e que mudar a mentalidade tanto de quem administra quanto da população em geral não é tarefa simples, ou rápida.

### Referências Bibliográficas

BRASIL, Ministério da Cultura. *Política Nacional de Museus: Memória e Cidadania*, 2003.

CADERNO, de diretrizes museológicas 1. Brasília: Ministério da cultura/ Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/ Departamento de Museus e Centros Culturais, Belo Horizonte: Secretarias de Estado da Cultura/ Superintendências de Museus, 2006. 2ª Edição.

COSTA, Evanise Pascoa. *Princípios básicos da museologia*. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006. 100p.

SANTOS, Myrian Sepúlveda dos. *Museus brasileiros e política cultural*. *Rev. bras. Ci. Soc.* [online]. 2004, vol.19, n.55, pp. 53-72.

---

<sup>1</sup> Este texto é fruto das visitas técnicas realizadas no primeiro semestre de 2011, pelos alunos do 4º ano de Bacharelado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa, através da disciplina *Arquivos, Museus e Patrimônio Histórico II*. Com o propósito de observar na prática o que é trabalhado em sala de aula, conhecendo a realidade e o dia-a-dia dos museus ou dos espaços de preservação da memória. Foram visitadas instituições de seis cidades e dois distritos no Paraná: Carambeí, Colônia Witmarsum (distrito de Palmeira), Castro, Castrolanda (distrito de Castro), Curitiba, Lapa, Palmeira e Ponta Grossa. São os espaços museais destas cidades que servirão de base para esta análise, em torno de 16 instituições.

<sup>2</sup> Acadêmica do 4º ano do curso de Bacharelado em História da Universidade Estadual de Ponta Grossa.

<sup>3</sup> Disponível em: <http://www.cosem.cultura.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=30>. Acesso em 30/06/2011.

<sup>4</sup> Disponível em: <http://www.museus.gov.br/os-museus/> Acesso em: 30/06/2011.

<sup>5</sup> Os critérios utilizados para a avaliação das instituições foram baseados na publicação : COSTA, Evanise Pascoa. **Princípios básicos da museologia**. Curitiba: Coordenação do Sistema Estadual de Museus/ Secretaria de Estado da Cultura, 2006. 100p

<sup>6</sup> Disponível em: <http://www.museuoscarniemeyer.org.br/historico.htm> Acesso em: 30/06/2011

<sup>7</sup> Endereço eletrônico do Museu Oscar Niemeyer <http://www.museuoscarniemeyer.org.br/>

<sup>8</sup> Informações fornecidas pela prefeitura do município da Lapa. Disponível em: [http://www.lapa.pr.gov.br/museus\\_rg2007.asp](http://www.lapa.pr.gov.br/museus_rg2007.asp) Acesso em: 30/06/2011.

<sup>9</sup> Idem.

<sup>10</sup> Dia 03 de abril de 2011.